
Rita Lee e a cidade: espaços habitados, cantados e rebatizados¹

Fernanda Elouise BUDAG²
FECAP, São Paulo, SP
POSCOM-UFSM, Santa Maria, RS

RESUMO

Sob a ótica do campo de interface dos estudos da comunicação e das culturas urbanas, fomos movidos a esta investigação pelo vislumbre da vinculação estreita entre Rita Lee e a cidade de São Paulo. Em vida, a cantora e compositora circulou e ocupou a cidade, como registra em sua autobiografia (Lee, 2016); assim como compôs canções em que a capital paulista é mencionada. Agora seu nome vem sendo atribuído a espaços públicos da metrópole, e sua imagem também vem estampando grafites e outras expressões pela urbe. Enxergamos, pois, de antemão, enquanto pressupostos da pesquisa, que as urbanidades (aqui representadas sobretudo por São Paulo) atravessam a existência e o legado de Rita em vários âmbitos. Assim, assumindo metodologia inspirada na *flânerie* (McLaren, 1998) e no método indisciplinado (Canevacci, 2021), procuramos recolher vestígios da urbanidade (paulistana) em Rita (em sua vida e obra), tanto quanto vestígios de Rita na urbe paulistana.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; culturas urbanas; narrativas; Rita Lee; São Paulo.

“Rita Lee e a cidade” bem poderia intitular uma versão tupiniquim de “Sexo e a cidade” (*Sex and the city* no original), estrelando talvez Rita Lee, Fernanda Young, Marisa Orth e Mônica Waldvogel, em uma variante ficcional da formação original do programa de TV *Saia Justa*, comandado pelas quatro profissionais entre abril de 2002 e maio de 2004. Nesse nosso devaneio midiático agora a cantora-compositora, a escritora, a atriz e a jornalista circulariam por São Paulo e encenariam e representariam em narrativa, na chave ficcional – ao modo das protagonistas Carrie Bradshaw, Samantha Jones, Charlotte York e Miranda Hobbes na série norte-americana aqui metaforizada –, temáticas como sexualidade, relacionamentos afetivos, amor, amizade, liberdade feminina e carreira que antes, na atração televisiva, tratavam na chave documental, da crítica e dos relatos pessoais. O quarteto brasileiro teria como palco de suas histórias não

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Tecnicidades e Culturas Urbanas, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Ciências da Comunicação (ECA-USP), com pesquisa de pós-doutorado em Comunicação e Práticas de Consumo (ESPM-SP). Professora na FECAP (São Paulo, SP) e no POSCOM-UFSM, e-mail: fernanda.budag@gmail.com.

Nova York, como na série inspiradora, mas São Paulo. E como mote, não a vida amorosa de Carrie, mas a irreverência de Rita.

Esse preâmbulo procura justificar o porquê do título que atribuímos a este texto, mas também sublinhar o porquê da escolha de nosso objeto de estudo: as inter-relações entre Rita Lee (vida e obra) e as urbanidades. Porque efetivamente estas se entrelaçam. Por um lado, em entrevista a Marília Gabriela³, esta afirma que Rita é “a imagem de São Paulo”; por outro, em entrevista a Fernanda Young, Rita declarou seu desejo em ter seu nome dado a uma rua ou alguma “pracinha” após sua morte⁴. São esses rastros que nos mobilizam.

Fomos movidos a esta investigação, portanto, pelo vislumbre da vinculação estreita entre Rita Lee e a cidade de São Paulo. E o fazemos sob a ótica do campo de interface dos estudos da comunicação e das culturas urbanas. Em vida, a cantora e compositora (para citar apenas duas de suas designações, que se somam também a outras como multi-instrumentista, atriz, apresentadora e ativista pelos direitos dos animais), circulou e ocupou a cidade, como registra em vários momentos em sua autobiografia (Lee, 2016); assim como compôs canções em que a capital paulista é mencionada. Agora seu nome vem sendo atribuído a espaços públicos da metrópole, e sua imagem também vem estampando grafites e outras expressões pela urbe.

Enxergamos, pois, de antemão, enquanto pressupostos da pesquisa, que as urbanidades (aqui representadas sobretudo por São Paulo) atravessam a existência e o legado de Rita em vários âmbitos. Nesse sentido, nosso objetivo principal é recolher vestígios da urbanidade (paulistana) em Rita (em sua vida e obra), tanto quanto vestígios de Rita na urbe paulistana. Fazemos isso lançando a esse *corpus* o seguinte questionamento: que narrativa Rita e suas urbanidades nos contam? Dos vários elementos, tempos, espaços, discursos e personagens dispersos que fazem cruzar Rita e São Paulo, que sentido(s) emerge(m) desse garimpo quando reunidos?

Assumimos, portanto, como ponto de partida, Rita Lee, grande representante feminina do rock e do pop nacionais, e o espraiamento de sua música para tantas outras expressões urbanas e repercussões no espaço urbano. Sempre mantendo no horizonte

³ BAÚ RITA LEE. 21 maio 2024. Instagram: Baú Rita Lee @ritalee_bau. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C7PfEcNpHTc/?igsh=MXd4Z3V0dHZjZXhxeG%3D%3D>. Acesso em: 25 jun. 2024.

⁴ GUILHERME SAMORA. 11 abril 2024. Instagram: Guilherme Samora @guilhermesamora. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C5oUbuPOESb/?igsh=aG1yb3o5eGxpN2Vp>. Acesso em: 15 maio 2024.

nosso interesse nas conexões entre comunicação/mídia, cultura e urbanidades: as dimensões comunicacionais do urbano tanto quanto as dimensões urbanas do comunicacional.

Enquanto direcionamentos e escolhas metodológicas, dialogamos mais diretamente – mas também com liberdades de suas releituras – com Walter Benjamin (2011), Massimo Canevacci (2021) e Peter McLaren (1998), conforme esclarecemos na sequência. Iniciando explicando nosso material de análise e como chegamos a ele, tivemos a preocupação de construção do que estamos chamando de um *corpus* expandido para dar conta da proposta de capturar os “vestígios” que nos interessam. Ou seja, não nos ativemos a um *locus* específico para a coleta do material. Pelo contrário. Transitamos em vários espaços, inclusive trafegando entre on-line e off-line. Para a captura de espaços da cidade ocupados pela cantora, recorremos muito ao livro *Rita Lee: uma autobiografia* (Lee, 2016), em que a artista comenta sobre uma série de lugares da capital paulista que fizeram parte de suas vivências. Para a coleta de suas músicas que tratam de São Paulo ou mencionam São Paulo, buscamos on-line pelas letras de suas músicas; prioritariamente em site dedicado a ser um repositório de letras de músicas, o Letras.mus.br⁵. Por fim, para tomarmos conhecimento de ações na cidade em homenagem a Rita Lee, fizemos buscas no Google na aba “notícias”, dando preferência por notas anunciadas pela imprensa oficial.

Desse modo, o conceito, ou a imagem de constelação em Benjamin (2011) é frutífera para ilustrarmos – ou mesmo justificarmos – a construção de nosso *corpus*. Considerando constelação enquanto agrupamento que resulta da reunião entre as estrelas e as linhas imaginárias que as unem, expandido esse conceito, temos constelação como a relação entre elementos de um conjunto. E, assim como em nosso *corpus*, todos os elementos da constelação estão próximos (nesse caso, por proximidade temática, Rita Lee e cidade de São Paulo); há a significação potencial da reunião dos elementos (a narrativa construída ao reunirmos os trechos da história); e não há um centro (não temos, igualmente, um ponto central de coleta do material de análise).

Dada essa natureza “em fluxo” da pesquisa é que estamos situando que adotamos uma metodologia inspirada na *flânerie* (McLaren, 1998), transposta para o ambiente digital. Nessa proposta metodológica, que recupera a figura do *flâneur*, o pesquisador-

⁵ <https://www.lettras.mus.br/>.

etnógrafo se move pela cidade, na captura de narrativas, de forma livre (sem a prisão de categorias analíticas pré-estabelecidas), ainda que intencional. Nossa pesquisa ganha, assim, contornos de uma “metodologia indisciplinada”, como defendida por Canevacci (2021) por atravessar os fluxos da comunicação digital ubíqua.

Começando por apontar espaços da cidade vividos por Rita, primeiro, em uma visada macro, temos o bairro da Vila Mariana e imediações. Conforme Rita relata em sua primeira autobiografia (Lee, 2016), sua primeira moradia foi na casa dos pais (ou “casarão”, como chama no livro), situada na Rua Joaquim Távora, 670, de cujos relatos destacamos que no local havia um palco em que ela e suas duas irmãs encenavam uma série de esquetes e espetáculos; prevendo sua carreira artística. Em meados dos anos 1970 Rita continuou no bairro, mas agora em um sobrado na Rua Pelotas, onde conta que hospedou nomes como os Novos Baianos e Paulo Coelho. E um pouco mais tarde, já com Roberto de Carvalho na cidade, permaneceram no bairro, em um pequeno apartamento na Rua Eça de Queiroz (Lee, 2016).

Em bairro ao lado, na Vila Clementino, fica a escola que Rita frequentou durante os ensinamentos Fundamentais I e II e que já denunciavam sua essência de “ovelha negra”, como viria a cantar mais tarde:

Acontece que eu já vinha chamando uma certa atenção nas aulas de ginástica, eventualmente fazendo xixi nos sapatos das meninas, fumando no banheiro ou derramando tinta vermelha no assento das CDFs, que quando se levantavam pareciam menstruadas. Num momento *vendeta* cheguei a tacar fogo no cenário do teatro do colégio porque fui preterida no papel de Julieta. Não houve provas suficientes para me expulsarem e, em consideração à fama de Mary [irmã mais velha] de melhor aluna da escola, salvaram minha barra. Algumas vezes empunhava um bastão de beisebol que ganhei de um primo de Americana para encher o saco dos franceses que não simpatizavam com meu sobrenome gringo. No recreio, ficava de tocaia no barzinho para afundar nhá-benta à primeira mordida na fuça das gulosinhas. Uma boa explicação para essas contravenções é que todas as meninas da minha idade já usavam sutiã, tinham pentelhos e já eram “mocinhas”, enquanto eu continuava uma tábua despelada e masculinizada, aquela que os meninos por quem se apaixonava tratavam como uma igual. (Lee, 2016, p. 82, grifo no original).

Indo para além do bairro, a grande São Paulo marcou as letras das músicas de Rita Lee, ao mesmo tempo que estas colocaram a cidade para sempre na cena do rock nacional. Em *Lá vou eu* (1976), Rita cita a cidade nominalmente, sinalizando certa dureza da vida na metrópole (em “E na medida do impossível | Tá dando pra se viver”), mas principalmente alimenta uma esperança no amor, que, ainda que fortuito, existe – e pode ser infinito como o céu:

*As luzes da cidade
Não chegam nas estrelas
Sem antes me buscar
E na medida do impossível
Tá dando pra se viver
Na cidade de São Paulo
O amor é imprevisível como você
E eu
E o céu*

Em “Gloria F” (1985) Rita menciona o Viaduto do Chá, primeiro viaduto da cidade de São Paulo e, em “Vítima” (1985), trabalha São Paulo dentro do imaginário do anonimato e dos arranha-céus das grandes cidades somada à imagem da “janela indiscreta” da obra cinematográfica de Alfred Hitchcock:

*Do meu esconderijo no milésimo andar
Espio noite e dia sua vida secreta
O frio de São Paulo me faz transpirar
Sou vítima
Vítima da sua janela indiscreta*

Dos espaços vividos por Rita na cidade aos espaços citados por Rita em suas letras, fazemos o movimento de observarmos as ressonâncias de suas vivências e discursos pela cidade. A mais recente delas é o anúncio, pelo atual prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes, de um projeto de lei – sancionado em junho de 2024, pouco mais de um ano após a morte de Rita – que atribui o nome da cantora a uma praça localizada no Parque Ibirapuera. O parque inclusive fica localizado na Vila Mariana, bairro que, como já comentado, foi habitado por ela em grande parte de sua vida. O nome original da praça é Praça da Paz, que agora passa a se chamar Praça da Paz – Rita Lee (Matos, 2024), e ainda por cima concretiza a vontade declarada de Rita de querer seu nome em “uma pracinha”.

Outro “batismo” na cidade, mas agora em forma de arte, é um grafite estampando o rosto de Rita com os dizeres “Santa Rita de Sampa”, como a cantora se referenciava a si própria e em referência ao título homônimo de uma de suas músicas em que, em tom de oração, coloca-se como Santa Padroeira de uma série de causas profanas e os versos vão ligando Rita a variadas localidades e ícones da cidade:

*Desvairada da Paulicéia
Virgem e martir de toda a gentalha
Mãe menininha da Pompéia
Fogo de Camile Paspaglia*

*Marginal de Vila Mariana
Tia tiete do tietê*

Sofredora corintiana
Padroeira de São Gererê

Essa homenagem em forma de grafite mencionada se encontra às margens da Rua Vergueiro, na altura da famosa Caixa d'água da Vila Mariana, que, em tom de brincadeira, inclusive fazia parte do plano político de Rita para mudar o mundo: “começaria por jogar zilhões de Isds na Caixa d'água da Vila Mariana”, diz ela em sua autobiografia (Lee, 2016, p. 237). Aqui visualizamos o entrelace das várias camadas do vínculo entre Rita e a cidade construído intertextualmente (Fiorin, 2003, p. 30): um grafite na cidade referenciando uma música de Rita que, por sua vez, aludia antes à mesma cidade. Rita viveu a cidade. A cidade a constitui. Mas a cidade também vive Rita e Rita a constitui.

REFERÊNCIAS

BAÚ RITA LEE. 21 maio 2024. **Instagram: Baú Rita Lee** @ritalee_bau. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C7PfEcNpHTc/?igsh=MXd4Z3V0dHZjZXhxeg%3D%3D>. Acesso em: 25 jun. 2024.

BENJAMIN, Walter. Prefácio epistemológico-crítico. In: BENJAMIN, Walter. **Origem do drama trágico alemão**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 15-47.

CANEVACCI, Massimo. Constelações ubíquas: Rumo a uma antropologia não antropocêntrica. **Matrizes**, v. 15, n. 1, jan./abr. 2021, p. 13-43.

FIORIN, José Luiz. Polifonia, textual e discursiva. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003, p. 29-36.

GUILHERME SAMORA. 11 abr. 2024. **Instagram: Guilherme Samora** @guilhermesamora. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C5oUbuPOESb/?igsh=aG1yb3o5eGxpN2Vp>. Acesso em: 15 maio 2024.

LEE, Rita. **Rita Lee: uma autobiografia**. São Paulo: Globo, 2016.

MATOS, Maria Clara. Nunes sanciona lei que dá nome de Rita Lee para praça do parque do Ibirapuera. CNN. 24 jun. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/nunes-sanciona-lei-que-da-nome-de-rita-lee-para-praca-do-parque-do-ibirapuera/>. Acesso em: 27 jun. 2024.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo revolucionário: pedagogía de disensión para el nuevo milênio**. Mexico, D.F; Siglo Veintiuno Editores S.A, 1998.